

# MARIA

supermercado, lugar  
devido ao exces-  
sivamente tentam  
s devore a todos  
rei feliz, se usar  
os homens que  
casa no ambiente  
nem mesmo ter  
eles já vêm em-  
tão à venda nos

máximo quatro  
inte e pergunta:

cabeça...

conhecer tua mãe?  
e eu nunca vi.

na dimensão da-

anças perdidas em  
gôndola a mes-

posta para dar à

vez possamos re-  
tas nesse mar de  
também possam-  
n sabor, cinza e  
mundão, onde o

# JOÃO E MARIA

Outro dia, inevitavelmente tive que ir ao supermercado, lugar repleto de produtos que me causam vertigens, devido ao excesso de ofertas. Enxurradas de anúncios que vorazmente tentam me devorar ou, o que é pior, querem que eu os devore a todos ilimitadamente. – Se consumir guloseimas serei feliz, se usar tal pasta de dente meu sorriso atrairá todos os homens que desejar, o desinfetante X transformará minha casa no ambiente mais saudável e alegre do mundo... Não posso nem mesmo ter meus próprios delírios de Poder e Sedução, eles já vêm embalados em caixinhas multicores e neons – estão à venda nos supermercados.

De repente, uma criança desconhecida, de no máximo quatro anos de idade, me chama à atenção com a seguinte pergunta:

– Você viu a minha mãe?

Fragmentos de respostas passam pela minha cabeça...

– Criatura, eu nunca te vi. Como posso conhecer tua mãe?

– Supermercado vende muitas coisas, mas mãe eu nunca vi.

(Ah, mas ele é só uma criança).

Outra indagação me invade advinda de alguma dimensão da-quele inesperado encontro:

– Seremos nós, consumidores, inocentes crianças perdidas em um vasto mundo de ilusões, repetindo em cada gôndola a mesma pergunta?

Por fim, com voz trêmula, formulo uma resposta para dar à criança:

– Vamos procurá-la.

E minhas formulações me atormentam. Talvez possamos reconhecê-la se escaparmos dos cantos das sereias nesse mar de possibilidades chamado “supermercado”, ou também possamos nos deparar com uma verdade crua, sem sabor, cinza e escura como nos revelou Criolo “eu cresci no mundão, onde o filho chora e a mãe não vê”.

por Ana Lúcia dos Santos

# JOÃO

Outro dia, inevitavelmente tive que ir ao supermercado, lugar repleto de produtos que me causam vertigens, devido ao excesso de ofertas. Enxurradas de anúncios que vorazmente tentam me devorar ou, o que é pior, querem que eu os devore a todos ilimitadamente. – Se consumir guloseimas serei feliz, se usar tal pasta de dente meu sorriso atrairá todos os homens que desejar, o desinfetante X transformará minha casa no ambiente mais saudável e alegre do mundo... Não posso nem mesmo ter meus próprios delírios de Poder e Sedução, eles já vêm embalados em caixinhas multicores e neons – estão à venda nos supermercados.

De repente, uma criança desconhecida, de no máximo quatro anos de idade, me chama à atenção com a seguinte pergunta:

– Você viu a minha mãe?

Fragmentos de respostas passam pela minha cabeça...

– Criatura, eu nunca te vi. Como posso conhecer tua mãe?

– Supermercado vende muitas coisas, mas mãe eu nunca vi.

(Ah, mas ele é só uma criança).

Outra indagação me invade advinda de alguma dimensão da-quele inesperado encontro:

– Seremos nós, consumidores, inocentes crianças perdidas em um vasto mundo de ilusões, repetindo em cada gôndola a mesma pergunta?

Por fim, com voz trêmula, formulo uma resposta para dar à criança:

– Vamos procurá-la.

E minhas formulações me atormentam. Talvez possamos reconhecê-la se escaparmos dos cantos das sereias nesse mar de possibilidades chamado “supermercado”, ou também possamos nos deparar com uma verdade crua, sem sabor, cinza e escura como nos revelou Criolo “eu cresci no mundão, onde o filho chora e a mãe não vê”.